

O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO OU UMA POSSIBILIDADE DE HUMANISMO

RESUMO

O presente ensaio busca compreender textualmente as bases do que, desde as primeiras leituras de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), se passou a denominar humanismo. Elege, para tanto, sob o conceito de figuração (REIS, 2018), uma leitura sobre José, personagem que protagoniza o primeiro dos dois movimentos principais na constituição narrativa deste romance. Dos instantes iniciais da concepção do seu primogênito à morte na cruz, passando pelos papéis de companheiro, pai, e o convívio com os rebeldes de Séforis, o que José inaugura é a formação de uma consciência de si e sobre o outro abrindo a possibilidade para, reconhecendo a penosa solidão do homem no mundo, a natureza do homem como medida de todas as coisas, modelo que melhor se configura no desenvolvimento de Jesus no segundo movimento da narrativa.

Palavras-chave: José Saramago; personagem; figuração; humanismo.

THE GOSPEL ACCORDING TO JESUS CHRIST OR A POSSIBILITY OF THE HUMANISM

ABSTRACT

This essay seeks to textually understand the bases of what, since the first readings of *The Gospel According to Jesus Christ* (1991), has come to be called humanism. To do so, it chooses, under the concept of figuration (REIS, 2018), a reading of José, a character who starts in the first of the two main movements in the narrative constitution of this novel. From the initial moments of the conception of his first-born to death by crucifixion, passing through the roles of companion, father, and living with the rebels of Sepphoris, what José inaugurates is the formation of an awareness of himself and about the other, opening the possibility for, recognizing the painful solitude of man in the world, the nature of man as the measure of all things, a model that is best configured in the development of Jesus in the second movement of the narrative.

Keywords: José Saramago; character; figuration; humanism.

EL EVANGELIO SEGÚN JESUCRISTO O UNA POSIBILIDAD DEL HUMANISMO

RESUMEN

Este ensayo busca comprender textualmente las bases de lo que, desde las primeras lecturas de *El Evangelio según Jesucristo* (1991), se ha dado en llamar humanismo. Para ello, elige, bajo el concepto de figuración (REIS, 2018), una lectura sobre José, personaje que protagoniza el primero de los dos movimientos principales en la constitución narrativa de esta novela. Desde los momentos iniciales de la concepción de su primogénito hasta la muerte en cruz, pasando por los roles de compañero, padre y convivencia con los rebeldes de Séforis, lo que José inaugura es la formación de una conciencia de sí mismo y del otro, abriendo la posibilidad de, reconociendo la dolorosa soledad del hombre en el mundo, la naturaleza del hombre como medida de todas las cosas, modelo que se configura mejor en el desarrollo de Jesús en el segundo movimiento de la narración.

Palabras-clave: José Saramago; personaje; figuración; humanismo.

cada um de nós é este pouco e este muito,
esta bondade e esta maldade, esta paz e esta
guerra, revolta e mansidão.
— De *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, José Saramago.

Estás sozinho, homem, sem gnomo!
que o resto é céu recurvo e indiferença.
— De “A face diurna”, *A luta corporal*, Ferreira Gullar.

Deus é o silêncio do universo e o homem o
grito que dá um sentido a esse silêncio.
De *Cadernos de Lanzarote*, José Saramago.

1

A bibliografia sobre *O Evangelho segundo Jesus Cristo* é generosa e poderíamos estabelecer pelo menos quatro linhas de interesses com variadas multiplicações. A primeira, mais óbvia, encontra parte no diálogo entre os discursos ficcional e religioso, derivando para a leitura sobre as figuras desse romance, as relações com o mito, o trato herético do evangelista, articulando o sagrado e o profano, as idiossincrasias quando o romance é disposto ao lado dos evangelhos canônicos ou os aproveitamentos pelo tecido romanescos de outros evangelhos ou livros bíblicos. A segunda reivindica o tratamento humanizado/humanizador que este evangelho emprega na construção das feições de seus protagonistas, quase como se com este texto Saramago inaugurasse um culto outro, centrado agora no poder — ainda que trágico — do homem; aqui, se pensam nas relações de poder, no papel assumido pelas mulheres numa sociedade estritamente patriarcal, nas feições revolucionárias de Jesus, na nova história. Uma terceira linha considera, em chave filosófico-psicanalítica, discussões como a identidade, a culpa, a alteridade, as dicotomias bem-mal, certo-errado, as variações e suscetibilidades do ser, os impasses do homem com o sagrado e deste com as volições humanas etc. Outra linha, ainda, se interessa mais por uma investigação textual, deslindando os processos de costura entre os textos arrolados da vasta pesquisa desenvolvida pelo escritor, sejam os diálogos que seu romance mantém com outras obras da literatura e das artes, o papel e as variações de tom do narrador, a construção da narrativa e de recursos como a ironia, a paródia, a carnavalização, o dialogismo, as infiltrações do

lírico e do trágico.

A leitura aqui apresentada melhor se filia a esta última rede de interesses, visto se interessar por uma análise hermenêutica do texto literário numa tentativa de deslindar, pelo desenvolvimento da personagem José, as bases do que se tem denominado humanismo neste romance e mesmo na perspectiva criativa e imaginativa do seu autor. Cabe reparar, entretanto, duas bases essenciais: a primeira é que o dispositivo de análise crítico-interpretativa se funda no conceito de *figuração* conforme proposto por Carlos Reis no seu *Dicionário de Estudos Narrativos*, isto é, “um processo ou um conjunto de processos discursivos e metaficcionalizados que individualizam figuras antropomórficas, localizadas em universos diegéticos específicos, com cujos integrantes aquelas figuras interagem, enquanto personagens” (Reis, 2018, p. 165). A segunda é a matriz do humanismo aqui referida. A literatura de José Saramago rejeita quaisquer teologias e metafísicas, centra-se no ser humano, mas não o considera entidade especial ou superior, tampouco o tem como indivíduo autocentrado mas em relação de alteridade ou em sua busca, fazendo-se reconhecer como uma parte na coletividade; assim, a noção de humanismo que melhor fundamenta, ainda que não seja intuito desta leitura, uma abordagem ou discussão mais centrada sobre o termo e sua filiação, encontra-se no marxismo de Marx², visto que a característica essencial do homem se verifica no domínio, pela manutenção e/ou modificação de um elemento que lhe é particular, a consciência, entendendo esta como um saber ou princípio pelo qual se é possível investir nas transformações também das estruturas suas inerentes, tais como a sociedade e seus estamentos, como as relações humanas, a história, a cultura, o imaginário etc.

2

Ao colocarmos a figura de José entre os protagonistas, consideramos que o seu papel para o romance não é irrisório. Ora, a personagem constitui-se parte da pedra angular dos acontecimentos fixados na memória coletiva do cristianismo e centrais para a obra literária em referência. Ainda que na concepção de Jesus um anjo

tenha misturado com as sementes humanas a semente divina, como desenvolve a narrativa do evangelho saramaguiano, sem o servil casal de Nazaré, nada da história se desenvolveria, nada dos desígnios de Deus se cumpriria. E no pequeno reduto desses dois, ainda que a concepção se apresente como um “espectáculo do mundo”, é sabido por José que é dele — e do homem, como é conveniente no seu sistema de crenças — a semente para o fruto; assim observa a narrativa: “A semente do varão, lançada para dentro do ventre da mulher, levava consigo, miniatURAL e invisível, o novo ser que Deus tinha escolhido para prosseguir o povoamento do mundo que criara.” (Saramago, 1991, p. 130).

Esses modos de pensar (atestando para uma centralidade do mundo *no* homem) e as atitudes de José, ao contrário do que parece, fazem-no elemento essencial também porque integralmente justificados pelo que se espera de um homem de seu tempo, quer dizer, não existe uma redução da criatura, tornando-a mais um tipo que uma *persona*; o narrador chega a reparar — mesmo que ironicamente³, como entendemos o fundamento da sua voz — na posição distintiva que coloca essa personagem como alguém que “sabe discorrer com propriedade e comentar com acerto” (Saramago, 1991, p. 30). Se, a princípio, é a imagem do homem bestial o que se demonstra, o papel aos poucos recai sobre a entidade divina, esta sim, uma exigente do modelo pautado pela retidão e o de fiel cumpridor e temente aos seus desígnios. É sempre preciso considerar uma poética da inversão na leitura desse romance, um exercício, aliás, que se verifica em larga parte da literatura de José Saramago e, nesse caso, entre outras circunstâncias, na maneira como a posição elevada do sagrado é tratada, ou como se relacionam homens e Deus, da certa submissão peremptória à expressão sentencial de Jesus antes da morte — ocasião quando se completa o lado avesso da entrega de José à cruz; e mesmo como o evangelista define a abertura de sua narrativa, substituindo o começo, o nascimento, pelo fim, numa descrição circular da célebre gravura de Albrecht Dürer sobre a crucificação de Jesus, repetindo o movimento contínuo da narrativa mítica.⁴

É possível sublinhar vários episódios que oferecem alguma

novidade sobre José em relação aos outros homens e no interior dos limites do seu papel social; um deles, depois da aceitação do *convívio* entre Maria e o mendigo que a entrega a tigela com o misterioso conteúdo luminoso (extensão da nova vida que se gera), nota-se a preocupação para com a esposa e o nascimento do primogênito tão logo entram em Belém, na cansativa viagem do casal para cumprir com o decreto do recenseamento imposto por Roma; vale sublinhar, da descrição da entrada de José e Maria nesta cidade, como o homem ampara a mulher, “e ela, para poder segurar-se melhor, passa um braço por cima do ombro dele” — uma imagem, dirá o narrador, “tão bonita” como “fora do comum” (Saramago, 1991, p. 79). Depois, é sua busca por algum conforto para a parturiente, recorrendo primeiro aos homens da sinagoga que nada provêm e conseguindo o apoio de Zelomi, uma escrava que fará as vezes de parteira. Embora os dois jovens tenham apenas um ao outro como amparo, em matérias de maternidade as tarefas até agora descritas, e as que se seguirão, como as de educação da criança, pertencem, no tempo em contexto, exclusivamente ao mundo feminino, restando ao masculino o lugar de provedor. José é um homem prático. Ainda que não seja possível reconhecê-lo portador de uma astúcia, que essa, notamos sempre falta e nos momentos mais decisivos, a coragem é matéria importante na sua constituição quando o assunto é manter e preservar a parte que lhe é própria. É bem verdade que esse individualismo constitui um dos principais elementos de sua condena, entretanto, não o permite ocupar uma posição confortável entre os covardes. Ao não avisar as famílias de Belém sobre o repentino interesse de Herodes em matar todas as crianças recém-nascidas por medo que se cumpra a profecia da usura do trono, abre-se uma marca importante que tensiona o caráter até então uniforme da personagem em análise *modificando-o* da antevista condição de títere de Deus. Mas, em oposição a este episódio, noutra parte colocará suas evidenciadas qualidades em risco noutra ocasião ainda singular para *O Evangelho*: a vigília entre os revoltosos flagelados de Séforis.

3

O episódio do massacre dos inocentes de Belém permite ao menos duas interpretações não excludentes. Se o lemos apenas pelo plano atitudinal, isto é, pelo desem-

penho espontâneo da personagem, não deixaremos de concordar com as conclusões levantadas no primeiro instante por Jesus, quando descobre a má herança deixada pelo pai, ou antes, quando o próprio narrador admite a culpabilidade de José: “o nosso carpinteiro ouviu e calou”, diz. Foi correr a salvar o filho “e deixou os dos outros entregues ao falso destino” (Saramago, 1991, p. 124). Mas, é preciso considerar que no *Evangelho* nada existe sem o consentimento de Deus, mesmo que a presença Dele seja apenas *manifesta* como extensão da Natureza ou *entrevista* pelo homem, já que sua aparição só se processa nas andanças de Jesus e se singulariza no assim designado *Episódio da barca*, quando o Salvador pode confrontar as feições do Criador com as do Diabo. Uma ocasião que corrobora a leitura da *submissão* do homem e todas as coisas a Deus é dada pela voz da escrava que auxilia no nascimento de Jesus. Quando o adolescente regressa a Belém movido pelo interesse de saber ora sobre seu passado ora entender a natureza da culpa que o habita através do *sonho herdado* do pai, no qual se mostra José de arma em punho pronto para matar o filho, diz a mulher, introduzindo a suspeita na percepção de Jesus sobre o papel de José na matança dos inocentes: “Não sou mais do que uma escrava velha, mas, desde que nasci, ouço dizer que *tudo quanto tem acontecido no mundo*, mesmo o sofrimento e a morte, *só pôde acontecer porque Deus, antes, o quis*” (Saramago, 1991, p. 219, grifos nossos).

A passagem da culpa de José para Jesus refaz um movimento imorredoiro em episódio de ordem familiar⁵; também esclarece as diretrizes do projeto de redenção que o novo cordeiro precisará assumir nas ambições do pai celeste. De alguma maneira, o que se vislumbra pelo sonho é a noção de sacrifício, um acontecimento imemorial que empurra as duas personagens ora para o passado, o tempo quando Abraão levanta sua mão contra a vida do próprio filho Isaac, para citar um dos exemplos mais conhecidos do Antigo Testamento, e para o futuro, quando Deus levantará a sua contra Jesus, circunstância que no complexo de homologias do *Evangelho* se expressa no sacrifício de chofre do cordeiro que o jovem Jesus tomara como sua companhia, numa de suas primeiras tentativas de desobediência

ao Criador. Este, como não guardará remorsos pela morte do filho, menos sentirá a matança das crianças de Belém; a narrativa mostra que enquanto se processa a carnificina “um céu vazio” assiste impassível: *O céu continuava tapado, a noite principiada e a névoa alta tinham feito desaparecer Belém do horizonte dos habitantes celestes.*” (Saramago, 1991, p. 112, grifos nossos).

Neste primeiro movimento do romance se prefigura o itinerário do homem submetido ao dogma e este se verifica, como em todo *Evangelho* de Saramago, pela intransitividade de Deus. Ora, essa condição específica sempre é propícia a repensar se restaria alguma alternativa a um homem definitivamente entregue aos domínios de um Deus feito com o pior da borra humana: a *indiferença*. É notável a interrogação ética e moral que o narrador lança sobre o papel do indivíduo para com a coletividade. A ausência de atitude de José para o outro cega-o ao ponto de não perceber que, situado fora do círculo urbano de Belém, o filho, ao contrário dos demais recém-nascidos, estava protegido do alcance da espada de Herodes. O individualismo, observa o romance, indis põe o *eu* para o outro e anula o próprio eu. A questão se restará ainda uma escolha para José, pode agora ser respondida e, de então, sua postura o fará melhor que Deus porque indiretamente reconhecerá — não perante o Superior, mas dele próprio e dos seus semelhantes — seu lugar entre os seus.

4

A culpa se torna o martírio de José. Transforma-o definitivamente em criatura a um só tempo submetida e condenada a fazer a vida uma pena da sua falha, repetindo o mesmo círculo actancial do castigo eterno instituído desde o casal adâmico. O papel de “beneficiário dum obséquio particular de Deus” — para reiterar os termos da própria narrativa quando descreve a personagem embevecida com a possibilidade de ter visto o filho no futuro ante a impressão de ser o mendigo a seguir os passos da sua companheira na viagem a Belém — é muito caro. Aqui é possível afirmar como este Deus, sendo Tudo, se assume ainda como a mão indelével do Tempo⁶; a vida adulta é enfado e derrota: “uma coisa era a sua antiga compostura, a gravidade e pondera-

ção com que buscava compensar os seus poucos anos”, observa o narrador, “outra coisa, muito diferente, pior, é esta expressão de amargura que prematuramente lhe está cavando rugas a um lado e a outro da boca, fundas como talhos não cicatrizados.” (Saramago, 1991, p. 122-123). Dessas modificações físicas acentuadas pela culpa que atestam o peso do Tempo, a que mais inquieta à narração é a modificação da expressão do olhar, “se não seria mais exacto dizer a falta de expressão, pois os seus olhos dão ideia de estarem mortos, cobertos de uma poalha de cinza, debaixo da qual, como uma brasa inextinguível, brilhasse um fulgor inflamado de insónia.” (Saramago, 1991, p. 123), reincidindo um tratamento recorrente na literatura saramaguiana. Nesse caso, a variação da expressão da vista, a *cegueira cinza*, é produzida do remorso, a centelha imorredoura, que no interior do homem empurra-o para os confins de sua consciência e perturba-o de uma visão nítida do exterior do mundo.⁷

Além da culpa, José, transformado em instrumento de Deus, também é seu súcubo, para acentuar a inversão de papéis praticada pela narrativa em relação ao Diabo. Assim é que Maria refaz a condição de Raquel, como antevira na passagem pela sua tumba: Jesus é sua alegria, o primogênito, e filho da sua dor. Depois disso, seu martírio, no papel-chave nos desígnios inescrutáveis do Senhor, é ampliado: “restituir ao mundo, por um afincado esforço de procriação, se não, em sentido literal, as crianças mortas, tal qual tinham sido, ao menos a contagem certa, de maneira a não se encontrar diferença no próximo recenseamento.” (Saramago, 1991, p. 131). O absurdo se confirma com a impossibilidade de a mesma natureza divina não corresponder positivamente numa competição entre a vida e a morte: “José não viverá anos suficientes para gerar tão grande quantidade de filhos numa só mulher, nem Maria, já tão cansada, já de alma e corpo tão dorida, poderia suportar tanto.” (Saramago, 1991, p. 132). Esse esforço, por um princípio naturalista, finda por ser o da própria humanidade. O conteúdo fabular do *Evangelho* sempre aponta para um movimento universal sobre o drama da criação; nesse caso, a natureza desenfreada do crescimento demográfico é uma *resposta* própria da espé-

cie à culpa pela banalização da vida — o mundo, qual o pátio e a casa do carpinteiro, escrevemos por sobre o romance, está cheio de pessoas e é como se estivesse vazio. Aquele que talvez seja o único remorso de Deus, o da possível extinção do homem e assunto a que José Saramago retorna com a escrita de *Caim* (2009), encontra aqui seu eco. É o próprio narrador quem assim admite: “O remorso de Deus e o remorso de José eram um só remorso, e se naqueles antigos tempos já se dizia, Deus não dorme, hoje estamos em boas condições de saber porquê, Não dorme porque cometeu uma falta que nem a homem é perdoável.” (Saramago, 1991, p. 131).

A atitude que arrasta José para o fim trágico se constitui a princípio no sentido de um desafio do homem sobre Deus — ou outra peça no interminável embate entre criatura e Criador; algo que se formula melhor em *Caim*: “A história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele.” (Saramago, 2009, p. 88). É natural que as forças de Maria escasseiem para a sementeira de igual ou maior número de filhos que as crianças mortas no massacre de Belém, mas, sendo homem, o companheiro poderia continuar submetido às forças de sua biologia, também até o limite, mesmo com outras mulheres, na geração de novas crianças. Ao se envolver indiretamente com os revoltosos de Séforis, José, de alguma maneira, se não abdica voluntariamente, se desvia desse destino; abraçará a morte no auge de sua maturidade. Mesmo que a crucificação como um rebelde não se manifeste como uma atitude exclusivamente porque é uma consequência, a contribuição para a causa, pode-se admitir, é propriamente de José.

A *via crucis* do pai de Jesus encenada entre a decisão de resgatar o vizinho ferido em território tomado de inimigos e a sepultura acompanhada de perto por Maria e Jesus cumprem um papel essencial: no seu curso se processa um desses episódios que ora sublinham a *modificação* do individualismo e conseqüentemente se mostra como a inauguração do modelo de um evangelho centrado na humanidade sob o signo da compai-

xão, qual o de Jesus. Todo o percurso de José até chegar a Séforis pode ser lido como um desafio a Deus. Antes do seu destino, chegam-lhe três avisos, ignorados agora não pela crise de semiose que o impedira de interpretar os sinais divinos possíveis que apontavam para o papel incumprido de salvador dos inocentes de Belém e sim por uma volição interior que impele o mártir para a ação fundada nas suas convicções; os três avisos são oferecidos em chave literal e funcionam, desde o primeiro, como passagens de transição para uma consciência outra de José, descentrada, inclusive das determinações divinas.

O aviso cardinal alcança o carpinteiro ainda em Nazaré; traz a mensagem sobre o ataque dos romanos ao grupo de Judas Galileu e as circunstâncias de Ananias, “maltratado de golpes de espada”; nos dizeres do mensageiro, “a guerra está perdida” (Saramago, 1991, p. 154). O rápido diálogo entre os dois homens inclui, indiretamente, algumas das diretrizes de responsabilidade coletiva e individualismo. José interroga ao fugitivo, por que não o trouxe consigo Ananias, e ele alega como o estado do amigo de luta o levaria a atrasar o passo, que precisaria cuidar da própria família, a que deve “proteger em primeiro lugar”, expressão, nota-se, que repisa a mesma atitude do pai de Jesus em Belém; dessa vez, José atalha com um “Em primeiro lugar, sim, mas não apenas” e despacha o viandante que o confirma como um “sem fé” depois de José dizer que “o perigo é onde o Senhor não estiver”, algo inconcebível para um homem temente a Deus. O diálogo finaliza com José confirmando a sua noção de ausência do Criador; entende que ele está em toda parte, como quer o mensageiro, “mas às vezes não olha para nós” (Saramago, 1991, p. 154). É nesta ocasião que se forma a decisão de ir buscar o vizinho, desafiado pela atitude individualista do fugitivo; e, ainda que impulsionado pela verdade da onipresença divina, José é agora sabedor de que onde o Senhor se ausenta caberá a atitude do homem.

Assim, o segundo aviso aparece no caminho para Séforis; dos fugitivos da ira romana, um homem retém José com o alerta: “Se és amigo de ti mesmo, não vás [...] Os

romanos estão-se a aproximar, a cidade não tem salvação” (Saramago, 1991, p. 156); por fim, já no lugar de destino, outro homem alerta-o sobre o regresso: “Vai-te embora, leva o teu burro e vai-te embora [...] Se os teus amigos são todos os que se encontram feridos, és o homem mais rico do mundo” (Saramago, 1991, p. 157). Antes, aos apelos do segundo conselheiro, o obstinado carpinteiro olha-se “com um sentimento de indiferença, como se olha o vazio, no vazio não há perto nem longe onde parar os olhos, em verdade, não é possível fixar uma ausência.” (Saramago, 1991, p. 156). Ora, como não reconhecer nisso e na obsessão pela decisão de seguir com seu plano o vazio do suicida ante a vida ou a morte e conseqüentemente um embate com o Criador, único capaz de decidir sobre os princípios e os destinos de suas criaturas? A postura de José, está claro, impõe um desafio a Deus. Se Ele o empurra para as mortes dos inocentes de Belém pela falta de atitude, agora não pode fazer o mesmo. Esse desafio é sua maneira de reparar e se redimir do passado em Belém, o que faz sua determinação suicida, mas não sua condição. A leitura direta da persistência pode ser justificada pela ingenuidade de desfazimento da culpa passada, mas aponta ainda para uma modificação de sua conduta, mesmo que a essa altura seja vã. Seu esforço resultará numa oposição à ordem que no passado o dominara; todos os mensageiros estão motivados pela premente necessidade de salvar a si e os seus, rompem com o princípio coletivo da revolução. Por conseguinte, é um gesto que tensiona ainda com a indiferença de Deus ante suas criaturas: o carpinteiro coloca-se à prova perante o Criador, desafia-O a fazer valer Seu poder na salvação, *se não do rebelde pai de família*, a dele próprio, um *não rebelde*. No rol das criaturas saramaguianas *questionadoras de Deus*, José é uma personagem que antecipa o ainda distante Caim.

O que o obcecado homem obterá não é essa prova, mas outra mais nobre, como é possível observar na descrição do narrador sobre a noite de vigília de José entre os revoltosos feridos, uma passagem que antecipa a longa agonia de Jesus no Monte das Oliveiras, antes de ser preso e entregue para a crucificação:

Toda a noite José velou. Alguma vez, com o

um sono que temia e a que por esta razão de agora igualmente resistia, José perguntou a si mesmo por que viera a este sítio, se era verdade que nunca tinha havido entre ele e o vizinho verdadeira amizade, pela diferença das idades, em primeiro lugar, mas também por uma certa maneira mesquinha de ser de Ananias e da mulher, curiosos, metedidos, por um lado prestáveis, mas logo dando a ideia de ficarem à espera duma compensação cujo valor só a eles competiria fixar. (Saramago, 1991, p. 159).

No horto de José, as tratativas desconsideram a presença de Deus e a princípio lutam contra o torpor do sono, essa outra cegueira, talvez não mais profunda que a anterior porque dúbia, antes do despertar da consciência, é a que coloca o homem em esquecimento do próprio homem. É na própria solidão anterior à morte, irmanado na agonia do outro, que a personagem passa em revista a atitude da sua presença ao lado do vizinho, reavendo convívios e relações. Mais que o despertar de uma consciência sobre o passado, José pratica uma comunhão entre diferentes (as idades e as condições de ser e agir) que se assemelham: “É meu vizinho”, pensará, e logo em seguida, “é o meu próximo, um homem que está a morrer, fechou os olhos, não é que não me queira ver-me, o que não quer é perder nenhum movimento da morte que se aproxima, e eu não posso deixá-lo sozinho.” (Saramago, 1991, p. 159). Discípulo de si mesmo, nota-se que a aprendizagem de José antecipa o princípio essencial norteador do evangelho do filho, o segundo movimento da narrativa de *O Evangelho*, aquele que se inicia com a saída de Jesus em busca de sua própria identidade e finda no mesmo ponto de destino do pai. Trata-se do aparecimento de uma consciência que, deslocada do princípio divino, faz-se reconhecer ela própria e em relação com o seu semelhante.

Tinha-se sentado no estreito espaço entre a esteira onde jazia Ananias e outra onde estava um rapaz novo, pouco mais velho que seu filho Jesus, o pobre moço gemia baixinho, murmurava palavras incompreensíveis, a febre rebentara-lhe os lábios. José segurou-lhe na mão para acalmá-lo, no mesmo momento em que também a mão de Ananias, tateando

cega, parecia procurar algo, uma arma para se defender, outra mão para apertar, e foi assim que ficaram os três, um vivo entre dois moribundos, uma vida entre duas mortes, enquanto o tranquilo céu nocturno ia fazendo rodar as estrelas e os planetas, lá para diante trazendo do outro lado do mundo uma lua branca, refulgente, que boiava no espaço e cobria de inocência toda a terra de Galileia. Muito tarde, José saiu do torpor em que, sem querer, caíra, despertou com um sentimento de alívio porque desta vez não tinha sonhado com a estrada de Belém (Saramago, 1991, p. 160).

Nesta sequência, três circunstâncias participam na formação do que a fundação da consciência, um descentramento do eu ou a autoafirmação do homem entre homens pode-se designar como o *humanismo* neste *Evangelho*: a irmanação, a impassibilidade da Natureza e a dispersão da culpa. Ante a Natureza/Deus, o homem encontra-se totalmente entregue à solidão, restando-lhe, quando muito, somente as solidões alheias. Nesse sentido, é possível afirmar que este romance deposita na criatura o princípio e o sentido da comunidade humana, tratando Deus como outra das nossas responsabilidades e não o contrário, a entidade superior feita para justificar Tudo, incluindo o que de terrível nos define. Faz sentido o que para José Saramago constitui — talvez não o pior defeito de Deus, mas do próprio homem — nossa fraqueza em justificar a barbárie e o mal sempre em nome do Outro, nunca de nós mesmos. Conforme sublinha Martins (2014, p. 86): “À maneira kantiana, Saramago encara o problema do mal como estritamente humano [...] Somos nós, de facto, na condição paradoxal de exercício de nossa liberdade, que fazemos do mundo humano um mundo cruel.” Logo, é nosso o compromisso pelo que melhor também podemos exercer em relação: a compaixão. O melhor de nós é que não sendo Deus, sempre imperfeitos, somos capazes de aprender algo a partir de nossas próprias circunstâncias; é este o *destino* de José: a sua consciência pode acusá-lo e com isso modificar-se. Deus sempre é. E mesmo que mude (conforme Jack Miles, 1997, *apud* Martins, 2014), “a mudança divina contida na ‘surpresa’ não é, de modo nenhum, uma experiência equivalente à da humana condição do *erro*.” (Martins, 2014, p. 79).

Outra vez, enquanto a vida se extingue no interior escuro das forças opressoras, o que o narrador testemunha nesse episódio dos flagelados de Séforis é a indiferença divina; se muito, o Criador é apenas a repetível ordem natural do universo. No acontecimento em análise, a ataraxia de Deus é a deferência pelos seres em luta e errância, duas das matérias principais da existência. É da criatura o gesto contraditório, capaz de amai-nar a dor e a danação. Sob o vazio do céu, José ampara o sofrimento dos seus semelhantes. Irmanar pressupõe reconhecer o *outro* e o *em-si* no *outro*, não como repetição e sim como diferença. A nobreza do gesto do carpinteiro de Nazaré se fundamenta em mitigar o extenso vazio anterior à morte (o vazio universal de todos). Amparando Ananias e o jovem imberbe que relembra o filho, é também amparado, visto que poucas horas depois, é chegada sua hora de expiação; a culpa estará aplacada — ou transferida —, mas “Deus não perdoa os pecados que manda cometer.” (Saramago, 1991, p. 161).

José morre como morrem todos: submetido aos desígnios da Criação; se o filho, mais tarde, questionará seu papel nessas intenções paternas, subvertendo a expressão do pecado e do perdão, dizendo indiferente para Deus, “Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez” (Saramago, 1991, p. 444), seu pai terreno, aprendida a silenciosa lição que não conseguirá outra vez colocar em prática, se conforma, reafirmando a natureza fraca das criaturas terrenas: “oh meu Deus, este é o homem que criaste, louvado sejas, já que não é lícito maldizer-te.” (Saramago, 1991, p. 165). A expressão, entretanto, permite uma leitura a contrapelo. É verdade que lemos a reafirmação do homem submetido, mas se uma vez mais recordarmos sobre os estreitamentos entre Criador e criatura, que esta é uma extensão daquela, ao ressaltar a impossibilidade de maldizer a Deus, José imprime certa nota de sagrado também ao homem. Este é o seu pequeno grande gesto de humanização: o fundamento de uma consciência da compaixão e do outro e com ela nossa parcela na natureza do divino. Estão fundadas as bases do humanismo neste evangelho.

REFERÊNCIAS

- Flores, Conceição. (2000). *Do mito ao romance: uma releitura do Evangelho segundo Saramago*. Natal: Editora da UFRN.
- Oliveira Neto, Pedro Fernandes de. (org.). (2020). *Peças para um ensaio*. Belo Horizonte: Moinhos, 2022, Coleção Estudos Saramaguianos.
- Martins, Manuel Frias. (2014). *A espiritualidade clandestina de José Saramago*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- Reis, C. (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina.
- Saramago, J. (2009). *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (1991). *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza Júnior, José Luiz Foureaux. (2018, Agosto). *O Evangelho segundo Jesus Cristo: notas acerca de um (certo) parricídio*. Revista de Estudos Saramaguianos, 8(2), 121-134.

NOTAS

- 1 A primeira versão deste texto foi apresentada durante o Webinar *O Evangelho Segundo Saramago*, evento que assinalava as três décadas da publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e sob realização do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP). Na ocasião, utilizei como título “O Evangelho de José ou o homem fora da luz”. No curso da revisão para esta publicação, outro foco e outro título se interpuseram e é assim que agora se apresenta.
- 2 Tal acepção se observa no primeiro Marx, quando, influenciado pelas ideias de Feuerbach e Hegel, o filósofo formula sua noção de alienação. Em oposição ao idealismo hegeliano e retomando os pressupostos de Feuerbach sobre a relação entre homem e natureza mediada pela consciência, o jovem Marx se dedica a pensar o trabalho como um produto que, ao investir sobre a natureza, a humaniza. Isto é, a natureza é também parte transformada conscientemente pelo homem, sendo esta sua parte não-alienada, condição que se modifica quando, no interior do sistema capitalista, sua força para o trabalho é tornada mercadoria. Importa aqui, portanto, a noção de atividade (sobre o outro) como matéria essencial na desarticulação da condição submetida e individualista dos sujeitos.
- 3 A ironia do discurso narrativo cumpre aqui essencialmente ora o papel de atacar o cariz divinatório instituído às personagens pelas leituras religiosas dos evangelhos — isto é, o rebaixamento é parte no processo de desconstrução discursiva e de humanização conforme analisamos em “Um Deus diabo, um Diabo deus” (2007) —, ora a ressalva sobre a atitude peremptória de Deus para com os seres criados à sua semelhança. Em grande parte, o que se assume pela narrativa é certa compaixão para com essas criaturas.
- 4 Acerca das relações entre *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e o mito, incluindo uma leitura comparada entre os dois tecidos, o verbal e pictural, em contato na seção prologal do romance, é importante citar o estudo de Conceição Flores *Do mito ao romance* (Editora da UFRN, 2000).

- 5 A culpa é um tema caro ao romance em questão. E não é nosso objetivo aqui uma leitura detida sobre o caso. A noção de culpa, entretanto, já foi analisada por, entre outros estudiosos, José Luiz Foureaux de Souza Júnior em “O Evangelho segundo Jesus Cristo: notas acerca de um (certo) parricídio”, publicado na edição n.8 da *Revista de Estudos Saramaguianos* (agosto, 2018).
- 6 Em *A espiritualidade clandestina de José Saramago*, Manuel Frias Martins revisita uma sentença de Jean-Yves Leloup, importante de ser considerada na leitura sobre o “Deus de Saramago”: “Se Deus existe, todos os crimes são permitidos...”, afirma o teólogo, refazendo uma sentença de *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, “Se Deus não existe, então tudo é permitido”. Frias Martins (2014, p. 89) reconhece com Leloup que “Deus não existe, Ele é”: “Segundo creio, é também o Deus que é, e não o Deus que existe, que sopra clandestinamente a sua presença no subtexto saramaguiano”.
- 7 Sobre o tema da visão na literatura saramaguiana, aponto um texto meu publicado em *Peças para um ensaio*: “Ensaio sobre a cegueira, um romance-síntese sobre a temática do olhar na obra de José Saramago”. Como o título sugere, seu ponto central é o romance de 1995 que ensaia a possibilidade segundo a qual vivemos num mundo de cegos, mas o tema do olhar é investigado aqui no conjunto do universo ficcional do escritor, da crônica ao romance.

O AUTOR

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

Doutor em Estudos da Linguagem com área de concentração em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGeL / UFRN). Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8627-4499>

e-mail: pedro.lettras@yahoo.com.br